

## PREFÁCIO

O perigo que correm hoje todos os seres vivos por culpa da humanidade, e que é atualmente objeto de análise generalizada, conferiu uma nova urgência ao tema da criação. Paradoxalmente, porém, a narração da criação está quase completamente ausente da catequese, da pregação e até mesmo da teologia. As narrativas da criação permanecem ignoradas; referir-se-lhes já não é considerado conveniente. No contexto desta situação, resolvi, no início de 1981, assumir a tarefa de procurar elaborar uma catequese para adultos em quatro homilias da Quaresma na Liebfrauenkirche, a Catedral de Munique. Não pude nessa altura responder ao apelo de muita gente para publicar as homilias sob a forma de livro; não tive tempo de rever o texto resultante da transcrição que várias pessoas amavelmente puseram à minha disposição. Desde então, na perspectiva da minha nova missão, o estado crítico do tema da criação no atual anúncio da fé tornou-se tão evidente que me sinto agora obrigado a retomar os velhos manuscritos e a prepará-los para publicação. A característica fundamental das homilias não sofreu alteração, e os limites impostos pelo estilo homilético foram tidos em consideração. Espero que este pequeno livro constitua um oportunidade para que outros prossigam este tema de uma forma mais elaborada do que a minha, de modo a que a mensagem do Deus Criador encontre, mais uma vez, o lugar apropriado no presente anúncio da fé.

*Cardeal Joseph Ratzinger*

Festa de Santo Agostinho, Roma, 1985

## NOTA DO AUTOR<sup>NT</sup>

Gostaria de referir aqui dois exemplos significativos do abandono prático da doutrina da criação pela teologia moderna. Em J. Feiner e L. Vischer (eds.), *Neues Glaubensbuch. Der gemeinsame christliche Glaube* (Basel-Zurique, 1973), o tema da criação foi discretamente incluído num capítulo dedicado à «História do Cosmos», o qual, por seu lado, está inserido na quarta parte do livro, intitulada «Fé e Mundo». As três partes anteriores tratam de «A Questão de Deus», «Deus em Jesus Cristo» e «O Novo Ser Humano». Não se poderia esperar algo muito positivo desta estruturação dos temas, mas o próprio texto, no capítulo redigido por A. Dumas e O. H. Pesch, vai muito para além dos nossos piores receios. O leitor encontra aí frases como a seguinte: «Conceitos como seleção e mutação são intelectualmente muito mais honestos do que o de criação» (p. 433); «A “Criação” no sentido de um plano cósmico é uma ideia do passado» (*ibid.*); «O conceito de criação é, além disso, um conceito irreal» (p. 435); «A Criação significa um apelo dirigido ao ser humano. Seja o que for que se diga para além disto, mesmo na Bíblia, não é a mensagem da criação, mas sim a sua formulação parcialmente mitológica e apocalíptica» (pp. 435-436). Será exagerado afirmar que

---

<sup>NT</sup> Na edição alemã de 2005, o texto desta nota constitui uma longa nota de rodapé ao prefácio do autor. Na tradução inglesa, o mesmo texto aparece autonomamente identificado como «Nota do Autor», o que lhe dá maior visibilidade. Por esta razão, decidimos apresentá-lo também como texto autónomo.

o uso continuado do termo «criação» no contexto destes pressupostos representa uma traição semântica?

A mesma posição reducionista, embora formulada menos primitivamente, está presente em *La Foi des Catholiques. Catéchèse Fondamentale* (Paris, 1984). Esta obra dedica cinco das suas 736 páginas ao termo «criação». Essas páginas encontram-se na terceira parte, intitulada «A Humanidade segundo o Evangelho». (As duas primeiras partes intitulam-se «Uma Fé Viva» e «A Revelação Cristã»). A criação é definida da seguinte forma: «Assim, ao falar de Deus como Criador, afirma-se que o primeiro e último sentido da vida se encontra no próprio Deus, presente no mais íntimo do nosso ser» (p. 356). Também aqui o termo «criação» perdeu completamente o seu sentido original. Além disso, num tipo de letra diferente do do resto do texto, que é também usado para longas citações ou textos suplementares, as «atuais objeções à criação» são apresentadas em quatro pontos para os quais o leitor comum (incluindo eu próprio) não encontra nenhuma resposta no texto. Ter-se-á, pois, de reinterpretar a criação num sentido existencial. Todavia, com uma tal redução «existencial» do tema da criação, verifica-se uma enorme (talvez mesmo total) perda da realidade da fé, cujo Deus já nada tem a ver com a matéria.